É O PODER: DIÁLOGOS ENTRE AS NOÇÕES DO ERÓTICO DE AUDRE LORDE E A LITERATURA NEGRA LÉSBICA

Eixo Temático EIXO 05- Corpo lésbico sapatão: por uma política de vida?!

Juliana Cristina Costa [1]

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um panorama das escritas eróticas de mulheres negras lésbicas na literatura contemporânea, tomando como exemplo autoras como Miriam Alves (Zula Gibi), Odailta Alves, Joaninha Dias, entre outras, incluindo também minhas próprias produções literárias, enquanto Juliana Sankofa. Metodologicamente, será realizada uma análise comparativa entre as produções das autoras, buscando identificar como se dá a construção da eroticidade. De forma preliminar, este trabalho aponta que tais produções não apenas desafiam as normativas do desejo em uma sociedade racista e heteronormativa, mas também reafirmam o erótico como uma ferramenta de poder e (auto)conhecimento para mulheres negras.

Palavras-chave: Literatura Negra Brasileira; Audre Lorde; bell hooks; Literatura Brasileira.

INTRODUÇÃO

A escravidão foi um processo de desconexão do corpo e da mente de pessoas escravizadas. Então, éramos tratados como peças ou animais, sendo a sobrevivência ao sistema escravocrata o único foco em uma terra estrangeira que se tornava território diaspórico. A partir de um ponto de vista sankofa, esse passado tão presente em nossos futuros é que marcou o imaginário social de uma sociedade racializada, influenciando a esfera subjetivas das pessoas colonizadas. A conexão com o próprio corpo de modo consciente sem as projeções do poder hegemônico, que afeta nossas autopercepções, consiste em um processo decolonização das corporeidades negras.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, juliana.sankofa@ufu.br.

Este trabalho tem como objetivo apresenta como se dá o erótico nas produções literárias de escritoras contemporâneas pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+. Para isso, trais produções serão interpretadas pela concepção de erótico de Audre Lorde, intelectual negra e lésbica.

METODOLOGIA

A partir da concepção de erótico de Audre Lorde, este trabalho analisará poemas das escritoras Miriam Alves(Zula Gibi), Joaninha Dias (PE), Cris Annie (PE), Odailta Alves (PE), Preta Rogéria (PE) e os meus, Juliana Sankofa (MG) , apresentando, de modo comparativo, como é representado o erótico nas escritas literárias dessas autoras. A minha inserção no corpus de análise se dá pela ideia de que as práticas epistêmicas de pesquisadoras/es negras/es partem de uma posição Eu-Nós, em que a esfera coletiva está conectada a individual, e vice-versa (Collins, 2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

Literatura afrodiaspórica brasileira de autoria de mulheres negras: nosso corpo como território de nossos prazeres

Como pensar o erótico em uma sociedade que padrões de belezas, inclusive pautadas na raça, afetam nossos esquemas de percepção, principalmente no que envolve o desejo? A hipersexualização de um perfil de mulheres negras, as que já foram nomeadas de “mulatas” pelo discurso hegemônico, e a repulsa em relação a outro perfil de mulheres negras, cuja pele extremamente escura a faz ser tratada de modo animalizado.

No ensaio “Usos do erótico: o erótico como poder”, Audre Lorde aponta a relação do erótico com o poder, assim como a violência colonial, tanto em termos patriarcais como raciais, realizou “a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas”(LORDE, 2019,p.67). Desse modo, o sistema colonial operou nas subjetivações das mulheres, principalmente das nossas, mulheres negras.

Além disso, Lorde (2019) aponta como a sociedade patriarcal demonizou e utilizou ao seu favor a esfera erótica da subjetividade das mulheres, já que elas “são mantidas em uma posição distante/inferior para serem ordenhadas psiquicamente (...)” (LORDE, 2019,p.68). Já que a supressão do erótico se dá pelos valores civilizatórios do ocidente e estabelece uma dialética com a subalternização das mulheres em relação aos homens.

Ainda, conforme Lorde(2019) :

> O erótico é frequentemente deturpado pelos homens e usado contra as mulheres. Foi transformado em uma sensação confusa, trivial, psicótica, plastificada. Por essa razão, é comum nos recusarmos a explorar o erótico e a considerá-lo como uma

> fonte de poder e informação, confundindo-o com o seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, pois representa a supressão do verdadeiro sentimento. A pornografia enfatiza sensações sem sentimentos (LORDE, 2019,p.68)

Ao diferençar o erótico do pornográfico — termos frequentemente confundidos pelo discurso patriarcal e tratados como sinônimos —, Lorde (2019) apresenta o erótico como uma fonte de saber e de poder. Acredito que a autora esteja se referindo ao autoconhecimento e à consciência sobre os nossos próprios corpos, bem como à possibilidade de experimentar prazer conosco mesmas/os e com as outras e os outros. A sociedade petrossexorracial[2] objetifica corporeidades constantemente, tratando-nos como peças, até na esfera erótico-afetiva. Nesse sentido, enfrentar essa política da objetificação dos nossos corpos no campo do prazer pode ser visto como uma prática decolonial.

O saber erótico-afetivo — forma como eu defino essa fonte de informação e poder a partir da concepção de erótico formulada por Lorde (2016) —, permite o rompimento com as pressões estéticas que definem corpos ideais, inclusive no que se refere aos "corpos ideias para o prazer". É esse saber que possibilita compreender que nosso prazer não depende exclusivamente de outrem e pode ser experimentado em solitude.

Em termos de literatura afrodiásporica brasileira, a escrita erótico-afetiva de mulheres negras aparece timidamente ao longo da historiografia literária brasileira. Uma figura emblemática na escrita erótico-afetiva, é a escritora Auta de Souza (1876-1901), escritora negra do século XIX, nascida no Rio Grande do Norte. Souza escreveu um único livro, Horto (1900), e nele se apresenta a questão do erótico, o qual leva a deduções acerca da orientação sexual dessa autora. Os dados biográficos de Souza não possibilitam que se afirme nada a respeito da sexualidade da autora, pois a morte precoce devido a tuberculose e o convívio desde os quatorze anos com a doença impediram o surgimento de mais obras dela. No entanto, a forma como o erótico é representado na única obra de Souza (1900) permite uma interpretação a partir da concepção de erótico proposta por Audre Lorde, devido à intensidade sensorial , espiritual, amorosa e, por vezes, ambígua da sua escrita literária. Sendo assim, Auta de Souza pode ser considerada a precursora da escrita erótico-afetiva na literatura afrodiásporica brasileira .

Para Lorde (2019), o erótico não se restringe ao sexual, mas constitui uma força vital que conecta corpo, mente e espírito, permitindo experiências de prazer, plenitude e autenticidade em diversas esferas da vida. Em Horto(1900) é possível enxergar esse uso do

[2] De acordo com Paul Preciado, em Petrossexorracial é "o modo de organização social e conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa para a totalidade do planeta" (Preciado, 2022).

erótico. É relevante ressaltar que a historiografia literária brasileira é construída em uma tradição fratura[3], pois a sistema colonial e a colonialidade desconsideraram as produções negras e indígenas. Logo, o arquivo, uma tecnologia de poder e memória, que organiza o que deve ser considerado na ordem epistêmica da sociedade brasileira. Então, as escritas literárias de mulheres negras no século XIX, é marcada por invisibilidade e apagamentos. Com a insistência de pesquisadores negros e pesquisadoras negras, essas vozes têm adquirido um reconhecimento, mesmo que tardio. Das escritoras negras do referido século, pelo arquivo, só foi possível identificar Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza.

Por um viés interseccional, ao longo da história, as escritas das mulheres foram ignoradas ou desconsideradas, o que se agrava quando se considera a identidade racial, pois mulheres negras, assim como pessoas negras em geral, foram omitidas da história nacional, principalmente da literatura. Na literatura contemporânea, a partir de 1978, pode-se observar o surgimento da escrita erótico-afetiva, tem-se Zula Gibi, pseudônimo de Miriam Alves, dentre outras vozes, que trazem a expressão homoerótico-afetiva de mulheres negras. A seguir, faço uma breve análise de textos literários de escritoras negras contemporâneas do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dedilhando poéticas-mulheres negras: a literatura afrodiaspórica brasileira e o poder do erótico.

Como já mencionado anteriormente, Auta de Souza pode ser considerada precursora de uma escrita erótico-afetiva, pensando a concepção de Audre Lorde (2019). Em Horto (1900), observa-se a ausência de referências a um "homem amado", o teor místico e dolorido do desejo e a intensidades das emoções nos versos que permite compreender os poemas por uma ótica dissidente da norma sexual-afetiva. Segundo Zélia Souza Lopes, em sua dissertação "Hortografismo negritude, espiritualidade e morte em Auta de Souza"(2018), na obra de Auta, "(...) o tempo, a morte, o erótico, o místico, por exemplo, se manifestam livremente numa espécie de vir a ser que perde sua autonomia quando a pena da poeta se entrega à escrita (LOPES, 2018,p. 99).

No poema "(Escondido na Noite)", publicado nos *Cadernos Negros 25* (2002), Zula Gibi (Miriam Alves) traz o erótico através de sensações internas e silenciosas, de entrega, de escuta e de fusão com o corpo de outra pessoa. O poema termina com os seguintes versos:

3 No artigo "Panorama da Literatura Afro-brasileira"(1995), Edimilson de Almeida Pereira traz essa questão da tradição fratura da literatura brasileira.

> Com gestos doces enlaçar segredos
> Postos na fibra íntima do tempo
> Repousar discípula a cabeça nas linhas: rio-mar-céu
> No sem-limites do seu corpo no meu corpo
> (GIBI, 2002).

Assim, o corpo é só o ponto de conexão, que transcende, o que se pode observar pelas escolhas das metáforas. A eroticidade se expressa pela profundidade emocional, espiritual e sensorial que o poema, como um todo, representa. O erótico é um processo de se conhecer e conhecer, o que dialoga com a concepção de Lorde (2019).

No poema "Nós três", presente na obra Livre Prazer (2024), Joaninha Dias traz, a partir de uma perspectiva não monogâmica, o erótico associado ao "pornográfico", com um discurso literário direto, como pode ser visto a seguir:

> (...) E cada estocada dele
> Ela chupa com mais afinco o meu grelo
> A água quente do chuveiro nos inunda
> O vapor se mistura com o cheiro do sexo (DIAS, 2024)

Por mais que haja uma cena explícita de sexo, o foco recai sobre o envolvimento, a presença e a intensidade do gesto. O prazer não é só genital, envolve o cheiro, o vapor e água, o que dá um aspecto quase ritual, imersivo e orgânico, isto é, o prazer se expande.

Preta Rogéria, no poema "Gozei", que faz parte da obra "Delírios de Prazer", apresenta os seguintes versos:

> Gozei, gozei tanto que minhas pernas ficaram fracas
> Meu corpo todo adormecido, tomado pelo prazer.
> Gozei, gozei, gozei...
> Tirei de dentro das minhas entranhas algo que estava preso
> e ansiava por liberdade (ROGÉRIA, 2022)

Nesses versos, a experiência sexual é representada como uma liberdade profunda. Assim como Joaninha Dias, Preta Rogéria também se utiliza de um discurso direto, porém os seus textos se configuram em gestos performáticos, já que o encadeamento de sons pela repetição e as sensações representadas, alinham corpo e voz, inscrevendo o saber erótico-afetivo. Segundo Leda Martins (2002,p.72), o corpo e a voz são "portais de inscrição de saberes de várias ordens". Logo, o poema realiza a performance do delírio ao mobilizar a sinestesia para a sua composição semântica.

Cris Annie (PE), em texto poético (no prelo), apresenta:

> Eu acabei de ver, três mulheres negras se amando, eu pensei que tava sonhando, mas era real, senti uma mão deslizando, puxando meu corpo para

> cima dos corpos que estavam se amando, eram três mulheres negras e minha mão estava deslizando, ainda bem que eu vim, agora goza gostoso pensando em mim! Três mulheres negras na minha frente, céu com nuvens (ANNIE, 2024).

Como visto em Gibi (2022), aqui também os recursos do mundo natural são usados como metáfora comparativa do erótico. Ainda, como Dias (2024), apresenta o aspecto não monogâmico. O gozo é além do físico, envolve também pensamento. Lorde (2019) considera o erótico vivido pelas mulheres negras como um gesto político e isso se pode observar pelas escritas das autoras selecionadas para a análise neste trabalho.

Em Pretos Prazeres e outros ais (2024) de Odailta Alves, o texto "Pernas poéticas" representa a experiência erótica enquanto fazer poético, o que se pode já perceber associação pelo título.

> "Aproveita que é noite de lua, rima minhas pernas às tuas, vamos fazer poesia", Patrícia sentiu as pernas clamando pelas rimas daquela poeta que recitava com um convite no olhar. Não poderia ficar até o fim do sarau. Comprou uma rosa do florista e entregou-a com o número do celular e uma cerveja para a mensageira dos versos. Algumas noites de espera e o telefone toca, convite sussurrado e o encontro.
> Já não era mais noite de lua, mas as pernas rimaram com perfeição e, entre palavras molhadas e línguas sedentas, por trás das nuvens, nasceu a poesia (ALVES, 2024).

No texto, o desejo é tecido por gestos simbólicos, por uma estética da atenção. A narrativa erótica se constrói por uma linguagem sensível do desejo, em que o corpo fala e a palavra toca. A metáfora da lua, da nuvem e do nascimento da poesia iguala o ato sexual ao ato de criação poética, assim o erótico é posto como uma fonte de criatividade. A construção do erótico por Odailta Alves aproxima-se do modo de Zula Gibi e Cris Annie, na medida que o prazer se conecta com a dinâmica natural do mundo.

Em um poema publicado em 2024, eu trago os seguintes versos:

> Minha língua é chave-mestra
> Abre portas,
> Abre doces rachaduras...
> fecha tantas outras.
> Quando não uso a chave,
> dedilho possibilidades
> Escrevo um verso ou outro
> com os desejos esculpidos

de amor e dúvida...(SANKOFA, 2024)

Eu trago a língua como instrumento erótico e poético, dialogando com a noção de que eroticidade é a linguagem do corpo e da alma (LORDE, 2019). A metáfora da chave-mestra sugere poder, agência, isto é, a capacidade de destrancar segredos, silêncios e sensações. No final da estrofe, o dedilhar remonta a delicadeza e de experimentação do outro e de mim mesma. Enfim, como todas as outras escritoras aqui analisadas, há uma recusa do automatismo e a escolha do gesto erótico se dar com sensibilidade. Assim, o erótico pode ser percebido como a criação de si, de nós e do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, as produções estão atreladas a um jeito de se pensar o erótico como força vital, que conecta corpo, mente e espírito, e fonte de poder e informação, no que concerne a consciência do próprio corpo na esfera erótico-afetiva.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

LOPES, Zélia Souza. **Hortografismo:** negritude, espiritualidade e morte em Auta de Souza. Dissertação. Mestrado em Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. In:**Irmã outsider:** ensaios e conferências. Autêntica Editora, p.67-74, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo**, p. 1035-1040, 1995.

SANKOFA, Juliana**.** Entrevista concedida a Portal Afro. Notas de escurecimento por escrito. **Portal Afro**, 13 nov. 2024. Disponível em: https://www.portalafro.com.br/notas-de-escurecimento-por-escrito-juliana-sankofa/. Acesso em: 20 abr. 2025.